

# O MOVIMENTO APOCALÍPTICO ENQUANTO RESISTÊNCIA CULTURAL E RELIGIOSA NO MÉDIO CRESCENTE NO II SÉC. A.C, NO LIVRO DE DANIEL

**Bruna Jéssica Cabral Silva<sup>1</sup>; Dr. Ágabo Borges de Sousa<sup>2</sup>; Thiago Borges de Santana<sup>3</sup>; Simone Silva de Jesus<sup>4</sup>**

1. Universidade Estadual de Feira de Santana, Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Licenciatura em História, e-mail: [brunna\\_cabral19@hotmail.com](mailto:brunna_cabral19@hotmail.com)
2. Universidade Estadual de Feira de Santana, Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia (DCHF), e-mail: [dr\\_agabo@hotmail.com](mailto:dr_agabo@hotmail.com)
3. Universidade Estadual de Feira de Santana, Bolsista PROBIC, Graduando em Licenciatura em História, e-mail: [thiagosantanaborges@oi.com.br](mailto:thiagosantanaborges@oi.com.br)
4. Universidade Estadual de Feira de Santana, Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Licenciatura em História, e-mail: [Symonesilvadejesus@hotmail.com](mailto:Symonesilvadejesus@hotmail.com)

**Palavras-Chave:** Movimento, Apocalíptico, Daniel

## INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é examinar o *modus vivendi* helênico e analisar os movimentos em face à contra-dominação helênica, cuja influência foi sentida pelo povo de Judá, fiel a sua cultura e religião. Ao longo desse período, os judeus estavam circundados pela cultura e civilização grega e, particularmente na dispersão, muitos adotaram a cultura grega.

O movimento apocalíptico pretendeu proteger o patrimônio religioso e cultural do Judaísmo. Esse movimento nos deixou um grande legado em literatura, o *Livro de Daniel*, único livro aceito no cânon Veterotestamentário. Podemos dizer que se trata de uma produção literária apocalíptica do povo de Judá, mesmo que tenha como base textos da comunidade alexandrina, da diáspora.

Compreender bem os alcances, limites e consequências destes movimentos, é preciso entender seus processos evolutivos, bem como as fontes que os relatam. Esse processo histórico ocorreu em um período de grande instabilidade no Médio Crescente, quando, especialmente, os judeus passaram por inúmeras perseguições como nação, sendo ameaçados cultural, política e religiosamente, colocando em risco sua identidade como povo.

Os judeus do segundo século acabaram criando o seu “universo simbólico”, com linguagem própria, em resposta à experiência da alienação e opressão que viviam sob imposição do poder dominante: as autoridades políticas e religiosas da época, que detinham, também, a força econômico.

Compreender o processo que tem como foco principal o movimento apocalíptico no *Livro de Daniel*, envolvendo o processo da aculturação helenística é de considerável importância. Primeiro, por procurar a complexidade dos conflitos culturais e religiosos no *Livro de Daniel*. E segundo, por perceber como muitos movimentos religiosos são influenciados pela literatura apocalíptica, já que suas doutrinas se fundamentam nesse livro. Nessa perspectiva é relevante que os cristãos tenham uma real compreensão da leitura bíblica.

## MATERIAL, MÉTODOS OU METODOLOGIA

O projeto possui textos antigos como documentações primárias. Com uma leitura sócio-histórica, é abrangido as causas sociais que provocaram o surgimento do movimento

apocalíptico de Daniel, aliando as rupturas com as continuidades da sociedade de Judá.<sup>1</sup> Nesse sentido, Rainer Kessler (2009) aponta que “o peso da apresentação está mais fortemente colocado nas rupturas e nas características de um determinado período do que nos traços contínuos” (contudo, a partir das instituições, pode-se perceber a continuidade, sendo possível uma abordagem que considera os “traços contínuos”).<sup>2</sup>

Aproveitando as análises bibliográficas já existentes, há, também, uma análise na importância da literatura apocalíptica, que foi formidável para os seus seguidores, especialmente em Jerusalém. Essa maior concepção do movimento apocalíptico tornará possível esclarecer movimentos religiosos cristãos da atualidade.

Um dos principais mecanismos desse projeto é analisar as documentações primárias, bem como os resultados de estudos já publicados, percebendo pontos em comum e discordâncias nas pesquisas realizadas.

## RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Soares (2008)<sup>3</sup>, através dos estudos sobre a Literatura Apocalíptica, descreve que os apocalipses históricos podem ter como meio de revelação, a visão de um sonho simbólico (como em Daniel 2 e 7), a epifania, um discurso angelical, um diálogo de revelação. Essa literatura é uma herança que foi marcada pela sua influência no momento histórico do II século a.C.

O contexto central da pesquisa no livro de Daniel, é o mundo em que o Judaísmo passa por um processo de helenização, e que já havia sofrido influências do Zoroastrismo, uma forma de religião da Pérsia.<sup>4</sup> Nesse período, o desenvolvimento da religião judaica estava sendo subjugado, como crença de que sua fidelidade a Javé e à sua Lei (Torá) bastariam para preservar Israel dos impérios e opressão.

Em Daniel (Dn) 7 fala-se dos “santos do Altíssimo”, ou “povo dos santos do Altíssimo”, perseguidos pelo tirano. Dn 7-12 é um apocalipse histórico, expressão da opressão dos judeus entre os anos 170 e 164 a.C., no qual a esperança em um final iminente do sofrimento por vontade do Deus de Israel, Dono e Senhor da História, é garantida pela revelação excepcional feita a Daniel, personagem lendário do passado. Pois bem, diante da dor da qual nasce o apocalipse, surge também a questão da responsabilidade do sofrimento.

Para Collins(1998), um apocalipse “não é constituído por um ou mais temas distintivos, mas por uma combinação de elementos, os quais são encontrados em outros lugares.”<sup>5</sup> Seguindo a concepção de Sousa (2011),<sup>6</sup> podemos dizer que o movimento apocalíptico de Daniel chama os seus fiéis à sua religiosidade pela promessa de liberdade e vida eterna, “mesmo que isso significa que ameaça de morte - fofalha, cova de leões, prisão etc.- pois, há um fim, enquanto finalidade, para onde eles se dirigem.”

A partir de 167 a.C, no calor do conflito entre judeus e gregos, foram produzidas as revelações, especificamente entre os capítulos 7-12 (Daniel é apresentado como “chefe dos magos”, dos encantadores... e dos adivinhadores” (magos; feiticeiros; astrólogos, adivinhos), com a intenção de conduzir os judeus à lealdade e de consolá-los frente à atribulação vivida no processo de aculturação.

---

<sup>1</sup> KESSLER, Rainer. *História social do antigo Israel*. São Paulo:Paulinas, 2009,p.9

<sup>2</sup> *Ibidem*,p.13

<sup>3</sup> SOARES, Dionísio Oliveira. *A literatura apocalíptica: o gênero como expressão*. Horizonte 7.13 (2008): 98.

<sup>4</sup> NOGUEIRA, Paulo Augusto. *O que é Apocalipse*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 2008, p. 16

<sup>5</sup> COLLINS, John Joseph (Ed.). *Apocalypse: the morphology of a genre*. Semeia, 1979. Atlanta: Society of Biblical Literature 1998, p. 8

<sup>6</sup> SOUSA, Ágabo Borges de. *O diálogo das escolas filosóficas do II século e a influência dos movimentos helenizantes...*

Para um melhor entendimento do que vem a ser apocalipse, Nogueira (2008) descreve que a maioria dos apocalipses no livro de Daniel aparecem de forma obscura. O resultado disso serão interpretações e imagens estranhas.<sup>7</sup>

Ainda na perspectiva de Nogueira (2008), a linguagem da crise apocalíptica se repete: há o pessimismo histórico, perspectiva religiosa e o determinismo. O movimento apocalíptico no Livro de Daniel, envolvendo o processo da aculturação helenística, mostra a complexidade dos conflitos culturais e religiosos. No capítulo 11, podemos dizer que há uma gratificação para quem se mantém fiel a lei.

A compreensão de Chevitaresi (2004), traz a proposta apocalíptica como uma união das facções, visando a uma resistência cultural e religiosa contra a opressão helênica.<sup>8</sup> A literatura apocalíptica, então, é compreendida como um protesto a essa situação. Os judeus antigos acabaram criando o seu “universo simbólico”, em resposta à experiência da alienação e opressão que vivia pelo poder dominante: as autoridades políticas e religiosas da época.

O livro de Daniel, através das visões, será uma resposta ao poder dos estrangeiros sobre o seu povo, porém, não há muita clareza ao interpretar o livro, tornando-se de difícil compreensão. A maioria desses apocalipses aparecem de forma silenciosa, na aceção das pessoas esperarem que o mundo seja mudado por meio da intervenção divina e não da ação humana. Podemos entender que as imagens e representações são produto de um contexto sócio histórico-cultural específico.

No livro de Daniel, existe uma narrativa, ela pode ser entendida como um contexto de críticas as idéias helenizantes que estavam decorrendo toda a sociedade judaica. O Livro destina-se a sustentar a esperança dos judeus perseguidos por Antíoco Epífanes. Daniel e seus companheiros foram submetidos às mesmas provas: abandono das prescrições da Lei (1) e tentações a idolatria (3 a 6), saíram vitoriosos e os antigos perseguidores tiveram de reconhecer a sua religião.<sup>9</sup>

Toda essa narrativa, será por meio de revelações, interessando tanto as nações como os indivíduos.<sup>10</sup> As orações contidas no livro de Daniel, insere-se no início das Lutas ou provavelmente no período que antecede a revolta macabeia. Chevitaresi (2004) aponta que as orações não estavam claramente a criticar as propostas helenizantes da sociedade judaica (mesmo esse processo sendo inevitável), já que esse procedimento não aglutinaria o todo, mas, ao contrário dividiria a sociedade.<sup>11</sup>

Existe, ainda, a questão da localização do livro, o Daniel a que nos referimos é o da apocalíptica judaica (um antigo herói), cujo nome já era conhecido dos judeus há vários séculos. O capítulo 11 fornece descrições do período helenístico, como exemplo, a guerra entre os Selêucidas e Lágidas e uma parte do reinado de Antíoco Epífanes, porém antes mesmo da morte dele.

Apesar das datas dos livros não concordarem entre si, não houve uma grande preocupação com a cronologia, o autor (es), parecem ter seguido tradições orais ou escritas, que circulavam a época. Podemos entender que a identidade do protagonista é bastante diversa; isso tem trazido também muita discussão dentro da própria tradição judaico-cristã.<sup>12</sup>

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<sup>7</sup> NOGUEIRA, Paulo Augusto. *O que é Apocalipse*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 2008, p. 58

<sup>8</sup>CHEVITARESE, André Leonardo. *Fronteiras culturais no mediterrâneo antigo: gregos e judeus nos períodos arcaico, clássico e helenístico*. Politeia 4.1 (2004): 69-82.

<sup>9</sup> BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição rev. e ampl., p. 1245

<sup>10</sup> *Idem*

<sup>11</sup>CHEVITARESE, André Leonardo. *Fronteiras culturais no mediterrâneo antigo: gregos e judeus nos períodos arcaico, clássico e helenístico*. Politeia 4.1 (2004): 69-82.

<sup>12</sup> DANIEL, O livro de. In\_ *A Bíblia de Jerusalém*. Editora Paulus, SãoPaulo:2002, (Cap. 11, V. 2-4)

- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição rev. e ampl.
- BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. In: \_\_\_\_\_. Escritos sobre a História. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.10
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia: As escolas Helenísticas*. V. II São Paulo : Companhia das Letras, 2010. p. 13
- CHEVITARESE, André Leonardo. *Fronteiras culturais no mediterrâneo antigo: gregos e judeus nos períodos arcaico, clássico e helenístico*. Politeia 4.1 (2004): 69-82.
- COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica*. Uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010.
- \_\_\_\_\_. Temporalidade e política na literatura apocalíptica judaica. *Oracula* 2 (2005).
- JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Trad. Vicente Pedroso. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- KESSLER, Rainer. *História social do antigo Israel*. São Paulo:Paulinas, 2009.
- KOCH, Klaus. *The rediscovery of apocalyptic*. (London: SCM ) 1972.P. 33
- MESTERS, Carlos; OROFINO, F. *Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto. *O que é apocalipse*. São Paulo: Brasiliense, 2008
- RUSSEL, D. S. *Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica*. Trad.João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.
- ROCHA, Zeferino. *O desejo na Grécia Helenística*. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., III, 2, 98-128
- SOARES, Dionísio Oliveira. *As influências persas no chamado judaísmo pós-exílico*. Revista *Th eos* 5.2(2009).
- \_\_\_\_\_. *A literatura apocalíptica: o gênero como expressão*. *Horizonte* 7.13 (2008): 99-113.
- SAULNIER, Chistiane. *A Revolta dos Macabeus*. Ed. Paulinas. São Paulo, 1987
- SOUSA, Ágabo Borges. *O diálogo das escolas filosóficas do II século e a influência dos movimentos helenizantes no médio crescente, a partir da literatura apocalíptica veterotestamentária*. UEFS. 23/11/2011-192/2011.
- SOUSA, Ágabo Borges de. *Daniel: Um Apocalipse Anticuo-Testamentário*. Grupo de Pesquisa As Escolas Filosóficas do II sec. a.Cr. e o Movimento Apocalíptico de Daniel Projeto de Pesquisa. CNPq. UEFS, DCHF, NEF. 2012